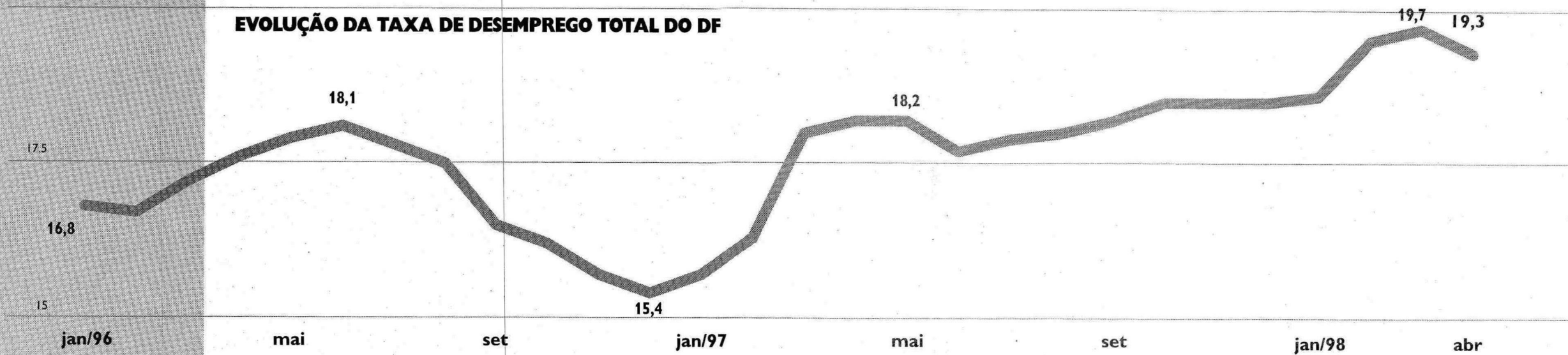


EVOLUÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO TOTAL DO DF



Fontes: Codeplan/GDF, Seter/GDF, Seade/SP e Dieese

Frases dos eleitores ouvidos nos grupos de discussão sobre os problemas de Brasília:

“SE TIVER EMPREGO, EU ACHO QUE DIMINUI MUITO A VIOLÊNCIA, DIMINUI MUITO OS HOSPITAIS CHEIOS...”

mulher, classe C/D

“EU ACHO QUE UM GOVERNO DEVA PREPARAR MAIS O TRABALHADOR, INCENTIVAR A APRENDER UMA PROFISSÃO E DEPOIS IMPLANTAR INDÚSTRIAS AQUI NO DF. DAR OPORTUNIDADES, NÉ?”

homem, classe C/D

PROCURA INGLÓRIA

Em maio, a notícia foi comemorada como fato positivo. Afinal, o número de desempregados no Distrito Federal apresentara redução de 2% no mês de abril. Ou seja, 2,6 mil pessoas que perambulavam pelas ruas atrás de emprego conseguiram trabalho. Mas a mesma realidade que amenizou a vida de alguns, continuava nefasta para outros 165,4 mil desempregados.

Luciano Tavares e José Antônio Brito sabem bem como é essa realidade. Luciano há um ano e José Antônio há dois procuram o emprego que nunca aparece. Em casa, a comida falta e o desespero toma conta. Água e luz já foram cortadas por falta de pagamento no barraco de madeirite, em Sobradinho 2, onde Luciano mora com a mulher e dois filhos, de 5 e 4 anos.

O quarto está a caminho na barriga de dois meses de Silmara do Nascimento, de 22 anos. E é com tristeza que a gravidez prossegue. O destino da criança já está traçado. Se até o parto, Luciano não tiver arrumado trabalho, o bebê será dado para alguém criar. Foi assim com Danielle, a filha de 4 anos do casal, que foi morar com a avó paterna. “É melhor do que viver com a gente e passar fome”, conforma-se a mãe.

Luciano trabalhava em uma fábrica de pizza em Sobradinho. O salário de R\$ 165,00 não dava para cobrir as despesas. Só a dívida da luz estava em R\$ 330,00. “Não pensei nada na época. Fiz acordo com o patrão e pedi demissão. Não queria ter o meu nome sujo na praça”, conta Luciano. Com o dinheiro que recebeu da fábrica pagou as dívidas. Mas o emprego novo não apareceu e novas despesas começaram a se acumular.

“Já fui chamado seis vezes pelo Sine-DF (Serviço Nacional de Emprego), mas não me dão emprego por preconceito. Achar que não dou conta do serviço porque sou deficiente. Tenho a perna mais fina”, queixa-

se. “Mas isso não me atrapalha em nada, não. Na fábrica de pizza, subia e descia escadas com caixas na mão”, garante.

Na casa simples do Paranoá e em construção do pedreiro José Antônio a situação também não é das melhores. Depois de três meses sem pagar a conta, o telefone foi bloqueado. A família — mulher, cinco filhos e dois sobrinhos — sobrevive com os R\$ 130,00 da Bolsa Escola. “Se eu pagar as contas do telefone, a gente não compra comida”, explica a mulher de José Antônio, dona Deusúia.

“Eu também já fiz ficha no Sine para trabalhar como camareira ou diarista. Mas não me chamam de jeito nenhum”, reclama ela. E não é para menos. A concorrência é grande no Sine. Em abril, por exemplo, 3.666 pessoas procuraram a Galeria do Trabalhador. Destes, apenas 436 conseguiram emprego. A maior procura é de pessoas simples, como Luciano e José Antônio, com baixo poder aquisitivo.

Mas até quem tem curso superior e experiência no mercado às vezes pena para conseguir trabalho. A ex-gerente administrativa e financeira Sandra Wanderley Lopes Pereira, 40 anos, que o diga. Os 15 anos ocupando bons cargos no setor privado não estão lhe ajudando em nada. “Nunca fiquei dois meses desempregada. Sempre tive facilidade em arrumar emprego. Mas agora parece que o mercado está parado, desativado”, desabafa.

Para conseguir emprego, a contadora já fez de tudo. Distribuiu currículos pelas empresas, pôs anúncio no jornal e procurou agências de emprego. “A gente vai ficando desestimulada. Nem para entrevista fui chamada”, diz ela. “E não só eu estou nessa situação. Todas às vezes que fui na Caixa (Econômica Federal) entrar com o processo de FGTS, havia sempre 30 a 40 pessoas fazendo ali a mesma coisa que eu”, lamenta a ex-gerente.

Paulo de Araújo 24.6.98



Silmara do Nascimento espera mais um filho e, se não conseguir emprego, quer entregar o filho para adoção

AS VAGAS DO SETOR PRIVADO

Dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal apontam que a população economicamente ativa (PEA) aumentou 14,4% entre 1992 e 1998, passando de 746,4 mil para 854,1 pessoas. Esse salto significa que 107,7 mil pessoas foram incorporadas ao mercado de trabalho nesses seis anos. Em contrapartida, só surgiram no mesmo período 54,1 mil postos de trabalho — um crescimento de apenas 8,6%.

O resultado da análise é que o contingente de desempregados aumentou em 53,6 mil — de 114,4 mil para 168 mil. Um acréscimo de 46,9%. No

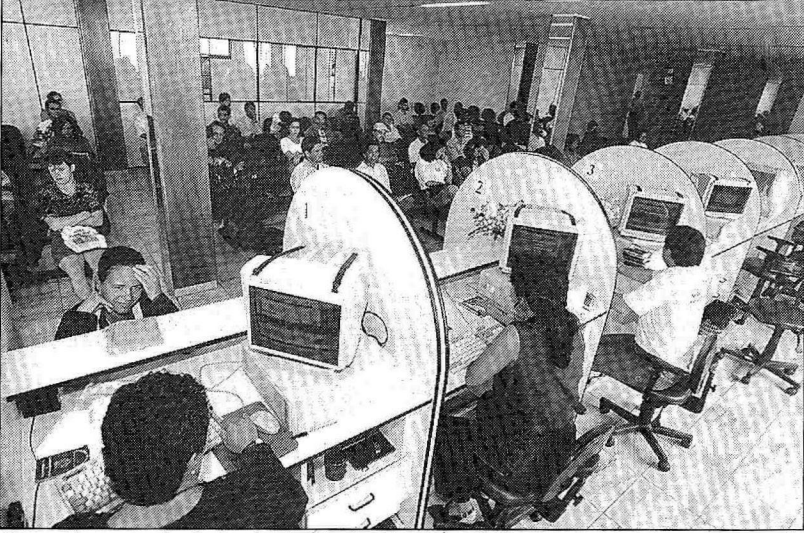
primeiro trimestre deste ano, contudo, houve reviravolta no mercado de trabalho. Cresceu o número de ocupados (0,6%) e caiu o de desempregados (-1,5%). Com isso, a taxa de desemprego declinou em 0,4 pontos percentuais, passando de 19,7% em março para 19,3% em abril.

A queda foi reflexo das mudanças na economia do DF em 1997. “Foi o ano que mais gerou empregos nos últimos cinco anos. Houve crescimento do setor privado, principalmente no setor de serviços e de comércio”, destaca Mário Magalhães, gerente de Estudos e Pesqui-

sas da Secretaria de Trabalho. “Foram 24,9 mil novos postos de trabalho”, lembra.

A perspectiva é saber agora se a queda do desemprego vai prosseguir. “O segundo trimestre vai ser a prova para sabermos se a economia está consolidando um novo padrão, mais concentrado no setor privado”, diz Mário Magalhães. “Vai depender do comportamento da renda. Se pelo menos a renda não cair e o emprego crescer um pouco, teremos a certeza de que a economia do DF está entrando em cenário novo e que a fase da turbulência já passou”.

Edson Gês 30.4.98



O movimento da Agência do Trabalhador em Taguatinga é sempre grande

DISPUTA COM OS VIZINHOS MAIS POBRES

Além dos desempregados daqui, o Distrito Federal enfrenta outro problema: os migrantes de outros estados e também das cidades do Entorno que vêm para cá a procura de trabalho. Nos últimos 12 meses, 1,3 mil desempregados aportaram em Brasília à procura de serviço. Os jovens Cícero César, de 19 anos, Edimar, também de 19, e Cleuber Luiz, de 18, são exemplos desse fluxo migratório.

Os três amigos moram em Planaltina de Goiás, a popular Brasília, que fica a 70 quilômetros do Plano Piloto. “Lá é difícil aparecer serviço. Quem

tem comércio, coloca os parentes para trabalhar”, explica Edimar.

A Codeplan — a empresa pública responsável pelas pesquisas no DF — desconhece o número exato da população do Entorno que está empregada no DF. Mas o economista Júlio Miragaya, gerente da Base de Dadas da Codeplan, faz a estimativa desse contingente: cerca de 115 mil pessoas.

Segundo ele, dez municípios — Santo Antônio do Descoberto, Águas Lindas, Valparaíso, Cidade Ocidental, Novo Gama, Luziânia, Planaltina de Goiás, Formosa, Padre Bernardo e

Alexânia — compõem a *Periferia Metropolitana de Brasília*. É uma região que tem 65 mil desempregados que procuram emprego no DF.

Gente como o casal de piauienses Galdino Rodrigues, de 35 anos, e Francisca Maria de Jesus, de 30. Empurrado pela seca, os dois abandonaram Floriano e mudaram-se para o Parque da Barragem, na região do Entorno. Na quarta-feira, lá estavam eles na fila do Sine. Galdino atrás de qualquer serviço, como servente de pedreiro. Ela quer trabalhar como doméstica.

MIGRAÇÃO E DESEMPREGO

